

²⁶ M. Douglas, *Pureza e perigo: ensaio sobre as noções de poluição e tabu*. (Lisboa: Edições 70, s.d), p.137.

²⁷ According to Callaway, in the I century CE., the theme of the sterile woman was central to primitive Christianity as a subject for reflection about the origins of Jesus, and also to Rabbinic Judaism as a reflection about the nature of the divine action. Callaway, p.4.

²⁸ Knight, "Tradition and theology" in *Tradition and theology in the Old Testament*, Knight (ed.), p.26.

²⁹ Terms that are not in the text but derive from the radical 'qr, and mean uprooting – infecundity - foundation.

³⁰ Lev20:20-21: the uncle's wife and the brother's wife may not be considered so close to qualify the relationship as incestuous. These transgressions lie in the context of prohibition against incest.

³¹ Turner, *The ritual process*, p.109.

³² Douglas, p.137.

³³ The aspect of Leah's transformation from weakness into power and Rachel's transformation from death into life will grow in Ana's story and in Zion's traditions, in which the sterile woman is transmuted into a happy mother.

³⁴ Calum Carmichael states that the theme of woman's dishonor (Sarah, Rachel, Leah e Dinah) in the patriarchal narratives will inspire the deuteronomist in the composition of the law concerning foreign captive woman (Deut 21:10-14). C.M. Carmichael, *Women, law and the Genesis traditions*, (Edinburgh: Edinburgh University Press, 1979), pp. 22-30. Note that Sarah and Abimelec's episode, which covers the offense against a woman's honor, includes a financial compensation procedure, aiming to "keep up appearances before everyone who knows her."

³⁵ Callaway, p.74.

³⁶ *Ibid.*, p.141.

RESUMO

Da República romana ao Império. A herança de Júlio César. A ascensão de Otávio. A *Eneida* de Virgílio.

Palavras-chave: formação do Império; poema épico.

Último século antes de Cristo. Os romanos, povo extremamente valorizador dos princípios da liberdade, se estabelecem como uma República, tão duramente conquistada após a expulsão dos etruscos e dos seus reis - que por longo tempo conduziram os destinos dos romanos, pela força, - ceder ao peso das armas dos próprios romanos. O Império, com todos os riscos do governo de um só, começara a ser instituído. Os plebeus, classe sem qualquer direito, começavam a cobrar sua participação no poder. Júlio César, que se tornara ditador após a morte de Crasso e Pompeu e buscara o apoio da plebe em oposição ao senado, também fora assassinado. As insatisfações faziam-se sentir por toda parte. A tentativa de segundo triunvirato também não dera certo: Lépido havia morrido e Otávio vencera Marco Antônio e sua amante Cleópatra, na batalha naval de Ácio, assumindo o poder imperial com o nome de Otávio Augusto. As insatisfações grassavam por toda parte. Era preciso fazer alguma coisa. Era preciso mostrar ao povo romano que Augusto era um escolhido pelos deuses, alguém das mais nobres origens, cuja missão era conduzir os destinos de Roma.

Assim sendo, Augusto solicitou do poeta Virgílio que escrevesse uma obra literária na qual fosse demonstrado o valor e a importância do povo romano, em que ficasse evidente que este tinha fortes motivos para sentir orgulho da sua cidadania e das suas origens; e, principalmente, que fossem demonstradas as origens divinas de Augusto, ser ele o descendente do herói troiano Enéias (filho de Príamo e da deusa Vênus) que, segundo lenda, fora um dos que dera origem à cidade de Roma.

A Eneida seria, portanto, como uma bíblia para o povo romano, um livro em que os destinos gloriosos dos romanos fossem eternamente evidenciados.

"Tu, romano, lembra-te que teu papel é conduzir os povos sob o teu poder, essa é a tua habilidade, e também disciplinar a paz, perdoar os que submeteste e abater os soberbos". (A Eneida, Livro VI, versos 851-853).

Públio Virgílio Marão nasceu na aldeia de Andes, hoje Pietola, próximo de Mântua, a 15 de outubro, 70 anos antes de Cristo, no mesmo dia em que faleceu o poeta Lucrécio, autor do "De Rerum Natura".

Apesar de filho de pais humildes, aos 17 anos foi para Milão, onde estudou grego, latim, medicina e matemática. De Milão foi para Roma. Fixou residência no monte Esquilino, junto dos jardins de Mecenas (ministro do imperador Augusto),

de quem recebeu grande proteção. Aos 51 anos, viajou para a Grécia, tendo se encontrado em Atenas com Augusto, que aconselhou seu regresso. Quando visitava Mégara, adoeceu. Na viagem de volta, morreu em Brindes, a 22 de setembro, 19 anos antes de Cristo.

Era de estatura elevada, rosto grosseiro, doente, frugal, muito modesto, aparentando ignorância; vagaroso no falar, recitava com suavidade e elegância. A pureza dos costumes trouxe-lhe a alcunha de “Parthenios” (a virgem), fato pelo qual se duvida da autoria de algumas poesias livres que lhe são atribuídas.

Além de “A Eneida”, escreveu várias poesias, como Cataléctico, Moreto, Epigramas, Diras, Culex, Etna etc. Mas as suas obras principais, além da Eneida, são as Bucólicas (escritas em três anos para celebrar Asínio Polião, Alfenos, Varrão e Cornélio Galo, que lhe conservaram as propriedades, na divisão feita após a batalha de Filipos) e as Geórgicas (obra-prima da Literatura Latina, escritas em Nápoles, durante sete anos, em honra de Mecenas, que o defendeu de Cláudio)

Além dos seus grandes protetores Augusto e Mecenas, teve como amigos os maiores nomes do Império Romano da época, tais como Horácio, Vário, Tuca, Polião. Teve como inimigos Corbácio Pintor, o “Eneadomastix”, o flagelo de “A Eneida”, e Filisto, que o importunava freqüentemente.

Virgílio, na Idade Média, foi considerado um profeta da vinda de Jesus.

Todo estudioso do poema “Os Lusíadas”, do português Luís de Camões, deve conhecer profundamente “A Eneida”, em virtude das profundas relações existentes entre essas duas obras.

“A Eneida” é um poema épico, com 952 versos, escritos na Sicília e na Campânia, durante onze anos. Ela narra a fuga de Tróia do herói Enéias, filho de Anquise e da deusa Juno, e do estabelecimento dos troianos no Lácio, o que daria origem à cidade de Roma.

Solicitada por Augusto ao poeta Virgílio para “explicar Roma”, para mostrar as grandezas do destino romano e a dinastia dos reis troianos até Augusto, “A Eneida” foi decalcada das obras do poeta grego Homero: Os seis primeiros cantos (ou livros) basearam-se na parte da Odisséia que descreve o retorno de Ulisses ao seu reino, Ítaca, após a destruição de Tróia; os seis últimos, na Ilíada, a guerra entre os gregos e os troianos, que ocasionou a destruição da referida cidade.

O que “A Eneida” na verdade fez, foi ordenar as diversas lendas que existiam sobre a formação de Roma. Assim se apresenta:

Livro I: Fuga de Enéias da cidade de Tróia, durante sua destruição pelos gregos, e sua chegada a Cartago, cidade ao norte da África.

Livro II: Narração das aventuras de Enéias a Dido, rainha de Cartago.

Livro III: Continuação das aventuras de Enéias a Dido e a morte de Anquises, pai de Enéias.

Livro IV: Amor entre Dido e Enéias, partida de Enéias por ordem de Júpiter, suicídio

de Dido e as maldições lançadas por Dido contra a futura cidade de Roma.

Livro V: Chegada de Enéias à Sicília, comemoração dos jogos fúnebres em honra de Anquises e o incêndio da esquadra de Enéias.

Livro VI: Os troianos desembarcam na Itália e Enéias desce aos infernos, onde encontra a alma de Dido e a de seu pai, que lhe fala sobre as leis que regem as almas e lhe mostra seus descendentes e suas glórias futuras.

Livro VII: Início da luta de Enéias com os latinos.

Livro VIII: Vênus encomenda a Vulcano, seu marido, armas para Enéias. Enéias chega ao país dos etruscos, em busca de aliança.

Livro IX: Turno, príncipe que se opõe a Enéias, ataca o acampamento troiano durante a ausência de Enéias.

Livro X: Novo ataque ao acampamento dos troianos. Enéias volta para defender o acampamento, agora com a ajuda dos etruscos e dos arcádios. Afastamento de Turno.

Livro XI: Vitória de Enéias e trégua pedida pelos latinos para a retirada dos mortos.

Livro XII: Combate de Enéias com Turno e a morte de Turno.

Apesar da insatisfação de Virgílio com sua obra - ele pedira a amigos que a queimassem no caso de sua morte - e mesmo incompleta (ficaram faltando 58 versos), “A Eneida” teve enorme repercussão entre os romanos, mostrando-lhes o que o destino havia preparado para a Roma de Augusto e a glória do povo romano. Ela revelou as tradições mais veneráveis da cidade, o que foi indispensável a Augusto, que se tornou uma das pessoas a quem Roma deveu o fato de ter durado ainda vários séculos depois dele e, em espírito, ter sobrevivido até nós.

Poderíamos concluir dizendo que “A Eneida” não foi salva do fogo pretendido por Virgílio apenas por ser ela uma belíssima obra; mas porque ela era importante para a salvação de Roma, portanto para a salvação do mundo da época.

O trecho a seguir, que escolhemos para representar a obra de que aqui tratamos e que vai do verso 254 ao verso 266, livro I de “A Eneida”, apresenta Júpiter consolando Vênus, que o procurara para lamentar a sorte de Enéias e dos troianos, perseguidos pela deusa Vênus, esposa e irmã de Júpiter. No mesmo trecho, Júpiter diz a Vênus do futuro glorioso dos seus protegidos:

*Olli subridens hominum sator atque deorum
Vultu quo caelum tespestatesque serenat,
Oscula libavit natae ; dehinc talia fatur :
“Parce metu , Cytherea ; manent immota tuorum
Fata tibi ; cernes urbem et promissa Lavini
Moenia sublimemque feres ad sidera caeli
Magnanimum Aenean , neque me sententia vertit .
Hic tibi (fabor enim ; quando haec te cura remordet ,*

*Longius et volvens fatorum arcana movebo)
Bellum ingens geret Italia populosque feroces
Contundet moresque viris et moenia ponet ,
Tertia dum Latio regnantem viderit aestas
Ternaque transierint Rutulis hiberna subactis .*

*Olli subridens hominum sator atque deorum
Vultu quo caelum tespestatesque serenat,
Oscula libavit natae ; dehinc talia fatur :
“Parce metu , Cytherea ; manent immota tuorum
Fata tibi ; cernes urbem et promissa Lavini
Moenia sublimemque feres ad sidera caeli
Magnanimum Aenean , neque me sententia vertit .
Hic tibi (fabor enim ; quando haec te cura remordet ,
Longius et volvens fatorum arcana movebo)
Bellum ingens geret Italia populosque feroces
Contundet moresque viris et moenia ponet ,
Tertia dum Latio regnantem viderit aestas
Ternaque transierint Rutulis hiberna subactis .*

(O pai dos homens e dos deuses, sorrindo para ela com o rosto com que serena o céu e as tempestades, tocou levemente os lábios da filha; depois diz as seguintes palavras: “Não tenhas medo, ó Cítèrea; os destinos dos teus te permanecem imutáveis; verás a cidade e as muralhas prometidas de Lavínia e gloriosa levantarás o magnânimo Enéias aos astros do céu: e nenhum parecer me mudou. Este - pois direi a ti, visto que este cuidado te atormenta, e, indo mais longe, revelarei os segredos dos destino - fará na Itália uma grande guerra e povos ferozes domará, e leis e cidades dará aos homens, até que um terceiro estio o tenha visto reinando no Lácio e três invernos tenham passado, subjugados os Rútulos.)

Em suas viagens pelo Mediterrâneo, depois de fugir da destruição de Tróia, Enéias chega a Cartago, no norte da África, onde é recebido pela rainha Dido, que se apaixona por ele. Colocando em risco seu destino de criar uma nova nação, Enéias permanece em Cartago mais tempo do que deveria, o que é motivo para reclamações a Zeus.

O trecho a seguir, que vai do verso 219 ao verso 245, livro IV de “A Eneida”, apresenta Zeus (Júpiter) que, ouvindo as queixas de Iarbas, ordena a Mercúrio que vá a Cartago determinar a Enéias que se afaste da Líbia, deixando

Dido, rainha de Cartago, com quem mantinha um amor clandestino:

*Talibus orantem dictis arasque tenentem
Audit Omnipotens oculosque ad moenia torsit
Regia et oblitos famae melioris amantes.
Tum sic Mercurium alloquitur, ac talia mandat:
“Vade age, nate, voca Zephyros et labere pennis,
Dardaniumque ducem, Tyria Karthagine qui nunc
Exspectat fatisque datas non respicit urbes,
Alloquere et celeres defer mea dicta per auras.
Non illum nobis genetrix pulcherrima talem
Promisit Grajumque ideo bis vindicat armis;
Sed fore qui gravidam imperiis belloque frementem
Italiam regeret, genus alto a sanguine Teucris
Proderet ac totum sub leges mitteret orbem.
Si nulla accendit tantarum gloria rerum,
Nec super ipse sua molitur laude laborem
Ascanione pater Romanas invidet arces?
Quid struit? aut qua spe inimica in gente moratur,
Nec prolem Ausoniam et Lavinia respicit arva?
Naviget: haec summa est; hic nostri nuntius esto”.
Dixerat. Ille patris magni parere parabat
Imperio et primum pedibus talaria nectit
Aurea, quae sublimem alis, sive aequora supra
Seu terram rapido pariter cum flamine portant.
Tum virgam capit: hac animas ille evocat Orco
Pallentes, alias sub tristia Tartara mittit,
Dat somnos adimitque, et lumina morte resignat.*

(O Todo Poderoso Júpiter ouviu tais palavras do suplicante, que abraçava os altares. Então voltou os olhos para o palácio real e para os amantes esquecidos de uma glória melhor. Em seguida, assim fala em direção a Mercúrio e determina as seguintes coisas: “Vai, corre, ó filho, chama os Zéfiro e desliza com duas asas e fala ao chefe dardânio que agora se detém em Cartago Tíria, não se importando com as cidades previstas pelos fados e anuncia as minhas palavras através dos ares velozes. A belíssima mãe não no-lo prometeu desse modo e não foi para isso que ela o salvou duas vezes das armas dos gregos: porém que seria quem governasse a Itália cheia de reinos e fremente de guerra, que propagasse a descendência

do ilustre sangue de Teucro, e colocasse sob as leis todo o país. Se nenhuma glória de tão grandes feitos o excita, nem mesmo a respeito o próprio empreende o trabalho para sua glória, por que, pai de Ascânio, tem interesse de invejar as cidades romanas? Que pretende? E em que esperança se detém no meio de um povo inimigo? Não leva em consideração sua estirpe ausônia e os campos de Lavínia? Que navegue! Isto é o mais importante. Seja esta a mensagem de nós”.

Dissera. Aquele preparava-se para obedecer a ordem do grande pai: Então prende aos pés os áureos sapatos com asas (talares), os quais o transportam suspenso no ar pelas asas, quer por cima dos mares, quer por cima da terra, tão depressa como um vento rápido. Então pega o caduceu: com este ele chama as pálidas almas dos mortos do Orco (inferno); atira outras no fundo do Tártaro (inferno) ; dá e tira o sono, e desvenda a luz dos olhos na morte (e reabre os olhos dos mortos).

E Mercúrio parte para cumprir as ordens de Zeus.